

## COISIFICAÇÃO FEMININA: A RAIZ DO MAL.

*Como nasce, cresce e frutifica a violência contra a mulher e o feminicídio.*

Alguém ainda se lembra do caso Eloá Pimentel<sup>1</sup>? Eu mesmo na época escrevi um artigo sobre o assunto do ponto de vista de análise do caso e deixo aqui o link de acesso a quem se interessar<sup>2</sup>. Curioso perceber que naquele momento ainda não existia a tipificação de crime de feminicídio agora integrante de nosso ordenamento jurídico, e que ocorreu somente muito tempo depois<sup>3</sup>, sendo certo que o caso em questão se enquadraria perfeitamente, chamando atenção, quando colacionado a outros mais recentes, num questionamento se estamos diante apenas de feminicídio ou de uma coisificação. Se analisarmos mais detidamente perceberemos que os criminosos sob o manto da ação passional, escondiam uma nuance de quem se vê frustrado e até mesmo ofendido pela perda da posse da mulher com quem desfrutava de uma relação que não nos parece possuir traços de verdadeiro afeto, alegação que pode ser facilmente aferida por laudos psiquiátricos elaborados acerca da personalidade de Lindemberg Alves Fernandes, o assassino de Eloá Pimentel que mostrou um indivíduo narcisista e antissocial<sup>4</sup>.

Um levantamento realizado pela Defensoria Pública do Estado do Ceará no ano de 2019 elaborou um perfil das vítimas de feminicídio naquele estado indicando que: o perfil da vítima se assemelha ao dos anos anteriores. São as mulheres com idade entre 36 a 45 anos (35%), pardas (63%), que estudaram até o Ensino Médio (37%), que sofrem todas as formas de violência, seja ela psicológica, física, sexual, patrimonial e moral, e só passaram a denunciar depois de mais de dez anos vivendo em um relacionamento abusivo<sup>5</sup>.

Já os agressores foram assim descritos pelo mesmo levantamento: os ex-companheiros e os cônjuges, com 47% e 36%, respectivamente, os responsáveis pela agressão e, em 42% dos casos, eles já vivenciaram situação de violência na infância. A estatística sobre o perfil do agressor se mantém nas pesquisas anteriores, em 2018, 44,5% e em 2017, 46,84% eram ex-companheiros. Além disso, em 60% dos casos, a violência acontece em ambos os espaços (público e doméstico) e os principais fatores que potencializam são: o ciúmes, uso de álcool e drogas, traição e a separação<sup>6</sup>.

O mais alarmante, ainda segundo esse levantamento, é que 61% (sessenta e um por cento) das vítimas revelaram não ter interesse em denunciar criminalmente o agressor, sendo que 35,8% (aproximadamente trinta e seis por cento), do universo de agressores elencados também conviveu com alguma espécie de violência doméstica durante sua infância. E o que chama a atenção consiste nos dois cenários aqui descritos: da vítima que foi continuamente ameaçada pelo agressor com possível perda de arrimo financeiro, da guarda da prole e de abandono à própria sorte, mesmo sendo o agressor o responsável direto por esse círculo vicioso de dependência em relação á companheira que vê-se enredada nessa espécie de “feitiço do tempo”. Por mais que tenhamos evoluído, por mais que tenham as mulheres amealhado conquistas que sedimentaram a evidente constatação que jamais poderiam serem consideradas uma “coisa”, por mais que tenham elas se destacado em todos os campos do conhecimento humano, inserida em atividades tidas como eminentemente masculinas, ainda assim, precisam continuar lutando não para manter posição, mas para seguir avançando. O conceito de “coisa” há muito tempo deixou de ser aplicável a elas em qualquer sentido ou conotação, embora ainda conste tanto de certos círculos de educação familiar onde a mulher existe apenas para ser a mantenedora do lar construído ao lado do companheiro, como também de manuais e doutrinas, como se vê abaixo:

*Qual é o contraponto do cara? O contraponto do cara é precisamente a coisa: aquilo que não age ou aquilo do que não nos lembramos: Diga-me uma coisa. Como é o nome mesmo daquela coisa? Será que a dona coisa não vem? Ah! Que coisa! O sistema penal existe sobretudo para controlar a hiperatividade do cara e manter a coisa no seu lugar (passivo)<sup>7</sup>.*

Pode parecer até um tanto irônico, como se supõe, mas poderíamos afirmar que o tratamento dado à mulher pela sociedade encontra os mesmos delineamentos com os quais escravizou-se a raça negra por séculos, pois a coisificação serviu em ambas as intenções. E no contexto feminino, os dias atuais comprovam com tristeza que a mentalidade não evoluiu, apenas sofisticou-se, haja vista o advento inserido em um cenário musical, do funk em sua versão “pancadão”, que estimula a coisificação feminina com letras apologéticas ao uso e abuso do corpo feminino, onde tudo é permitido porque existe consenso ou mesmo cumplicidade, o que envolve em névoas a realidade onde a mulher persiste em ser usada como objeto para a satisfação masculina.

E a situação agrava-se ainda mais quando se observa que as crianças imersas nessa realidade viva e ativa em comunidades carentes, também constitui um estímulo, em especial para que as meninas acabem assimilando essas letras musicais como parte de sua realidade e também como forma de obter privilégios que lhe permitirão alçar socialmente, seja para o bem ou para o mal, inseridas em uma constatação de que o importante é “ter” e não “ser” (temos aí a coisificação), e o conceito de “ter” transcende a qualquer limite moral que lhe seja impingido, pois o senso de pertencimento a alguém que detém poder e prestígio dentro da comunidade lhe permite granjear bens e riquezas que jamais imaginou estar ao seu alcance. Trata-se, pois, de mais uma ironia: a ideia de usar, enquanto é usada!

Gravíssimo ainda é quando a própria mulher se reconhece como “coisa”, valendo-se dessa condição para angariar proveito para si, oferecendo-se como mercadoria a ser comercializada pela melhor oferta ou lance. Foi exatamente isso que aconteceu com a brasileira Ingrid Migliorini, mais conhecida como Catarina que leiloou sua virgindade e que chocou sob todos os aspectos, em especial quando, no início de tudo, ela afirmou que não se tratava de uma questão financeira, mas sim pelo desejo de conhecer lugares e culturas diferentes<sup>8</sup> (!)<sup>9</sup>.

Em que pese possíveis análises sociológicas que adotem o pressuposto que fatos como esse denotam uma moral sem obrigações e sanções, há de se levar em conta que tal fato social reveste-se de certa amoralidade, inclusive por uma certa nuance utilitarista pela qual a coisificação dá-se exclusivamente por conta de uma imposição social única que é que todos sejamos produtivos e produzamos lucro, não importando a via pela qual realiza-se essa obrigação. E de um lado, temos a coisificação da mulher pelo homem segundo o qual, encontra-se ela em uma posição de inferioridade e submissão, sendo que todos os privilégios cabem exclusivamente ao marido, o provedor, que também pode valer-se de sua proeminência do ponto de vista econômico e social para ter a mulher que quiser da forma que lhe aprouver, bastando apenas um estalar de dedos, ou uma fausta e ostensiva exibição de seus predicados que exercem a mesma função que as enormes plumagens do pavão, ao mesmo tempo que lhe concedem a prerrogativa de tratar o sexo oposto como algo “descartável”. Por esse processo, temos ainda mais evidenciada uma amoralidade justificada por uma exigência social orientada em um único sentido, de produtividade e lucro que realimentarão o processo social de coisificação feminina impondo-se como modelo válido e adequado ao momento em que vivemos onde a liberdade perdeu seus freios avançando para além da liberdade de outrem que não é mais alguém, mas apenas algo.

Já de outro, temos o mesmo processo de coisificação da mulher pela própria mulher que se colocam no papel de objeto sexual de tal maneira que precisa ter um provedor sempre disposto a satisfazer todas as suas vontades e caprichos. Trata-se de uma espécie de estratégia pela qual distorce-se a realidade usando uma figura de retórica cujo fundamento nasce de um apelo mercadológico ainda orientado pela produtividade e lucro, valendo-se de uma instrumentação de cunho sexual.

*“..., no que se refere à mulher colocando-se no papel de coisa, tem-se, no Brasil, o absurdo da proliferação em meio ao movimento funk das autodenominadas “mulheres frutas”, tais como Mulher Melancia, Jaca, Maçã, Melão, entre outras. A escolha pelo nome geralmente se dá em referência a alguma parte da anatomia feminina. Voluntariamente tais mulheres se comparam às frutas, que se oferecem popularmente, podem ser apalçadas e descartadas ou consumidas e jogadas no lixo. O extremo pode ser constatado na comparação entre uma mulher e um pedaço de carne, conforme se vê no exemplo abaixo, em que a revista masculina em que era capa a “Mulher Filé”, é divulgada entre peças de carne”<sup>10</sup>.*

Sob essa concepção, a mulher coisificando a si própria obtém uma espécie de “vantagem competitiva”, que lhe dá a ilusão de que transformando-se em uma mercadoria cobiçada consegue benefícios para si que de outra forma não conseguiria; e isso independe da eventual rotulação pejorativa e até mesmo humilhante, já que trata-se de um procedimento produtivo que gera lucro. Não vamos aqui nos deter no contundente movimento contrário à essa doutrinação sociocultural, destacando apenas a conceituação moralmente viável do “meu corpo, minhas regras”, onde a valorização se dá por meio de conscientização e comprometimento das gerações futuras a fim de evitar um mal muito maior que já revela seu lado obscuro no crescimento desmedido de violência contra a mulher.

## FEMINICÍDIO E VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Independentemente do ponto de vista que se possa adotar, não restam dúvidas que o feminicídio é o ato final de um processo que se inicia com a violência contra a mulher, e é esse germe que precisa ser observado com muito cuidado. Toda as sociedades guardam em suas remotas origens uma natureza patriarcal que foi sendo burilada ao longo de séculos de aprimoramento social, onde a mulher sempre foi tida não apenas como o chamado “sexo frágil”, mas também como dotada de certa inferioridade, já que não sendo capaz de caçar ou lutar para sobreviver torna-se dependente do parceiro (sexo forte) como seu provedor e ao longo de um processo cultural seu possuidor.

Este processo histórico orienta-se pela desvalorização da mulher que por conta de sua dependência e incapacidade de sobreviver sozinha é vista como um fardo a ser carregado perdendo sua identidade cultural reduzindo-se a uma mera “coisa”, que pode ser posta ou disposta, usada e abusada já que se abandonada certamente perecerá. Se trata, pois, de um comportamento social arraigado e sedimentado ao longo da própria evolução da sociedade, assim como o escravagismo, a exploração do trabalho infantil e tantos outros atos criminosos praticados sistematicamente sem que se exigisse sua interrupção.

*Então a origem da opressão contra a mulher vem de uma relação social determinada por uma relação econômica, e sua manutenção acontece sobre essas mesmas bases. A submissão da mulher, pacificamente ou não, a uma relação de violência, está determinada, em última instância, por uma situação econômica. Uma mulher pobre, com filhos, sem formação profissional ou mesmo sem estudo, que não possui nada, nem condições de vender sua força de trabalho, está muito mais vulnerável a permanecer em uma relação onde sofre violência<sup>11</sup>.*

E essa violência estrutural contra a mulher torna-se ainda mais detestável ao observarmos que ela ocorre dentro do reduto doméstico, possuindo como elementos desencadeadores o machismo exacerbado, o vício em drogas, álcool ou ambos, o ciúmes injustificado e principalmente pelo sentimento de posse nutrido pelo homem que se arvora no direito de pôr e dispor de sua companheira como se objeto fosse, comprovando a ideia de que possa ser ela “coisificada”, destituída de alma e que segue estimulado pelo receio de ver-se sob o risco de abandono econômico ou ainda pelo temor de perder a própria vida.

Assim entendemos que sendo a violência contra a mulher a causa em essência do feminicídio, cremos também que embora louvável a promulgação de dispositivos legais/penais/criminais com vistas a obter a devida punição compensatória do ato delituoso, eles por si só não são capazes de coibir o processo de coisificação ao qual a mulher encontra-se submetida e pelo qual sofre diuturnamente ataques que solapam sua estrutura psicoemocional corroendo sua individualidade e ceifando a esperança inata que todos temos de viver bem e conviver bem.

A mera punição sem que haja alguma efetividade social em não apenas proteger a mulher, mas sim dar-lhe condições de existir munida dos direitos inatos à raça humana como liberdade, segurança, valorização e respeito, serve apenas para dar contrapartida sob o ponto de vista da justiça enquanto conjunto normativo regrador da convivência em sociedade, mas esquivando-se de proporcionar justiça do ponto de vista social, com comprometimento e aceitação. A ausência deste último encerra a triste certeza de que nada mudará mesmo a longo prazo.

Enfatizamos aqui que não descremos dos movimentos sociais que buscam não apenas defender as mulheres como também conscientizá-las de seu real valor e de seus direitos inatos, mas vemos a imperiosidade de que tais movimentos unam-se em uma só voz clamando ao mesmo tempo, como ajam no sentido de exercer pressão social e política para que legisladores também movam-se nesse mesmo sentido.

Bem sabemos que a violência nasce a partir da cobiça, e esta no seio familiar é alimentada pela sensação de posse do homem sobre a mulher que a coisifica destituindo-a de personalidade e individualidade; e a cobiça tende a crescer na mesma proporção em que o homem vê-se obrigado a dividir sua posse com outros, a exemplo de filhos e demais membros familiares e que ao fim das contas deságua na violência com instrumento utilizado para demonstrar seus direitos de posse sobre a mulher, que também é antecedida por um processo de vulnerabilização econômica por meio da dependência, avançando para a supressão de identidade e subjetividade até culminar com meios punitivos para assegurar seu domínio.

E todas as causas alegadas com o fito de justificar a coisificação e também a violência contra a mulher pelo homem que encontram eco no abuso de drogas e álcool, do eventual abuso infantil pelos pais ou ainda sua convivência com um ambiente familiar violento são, a nosso ver, apenas estímulos secundários, pois se trata de como o indivíduo vê sua companheira e de como ele percebe a importância de valorizá-la também como indivíduo. E não queremos aqui afirmar que a violência seja gratuita, pois como já afirmamos aqui anteriormente, ela é fruto da cobiça e esta sim permeia a natureza humana.

Acrescente-se ainda à exposição acima o clamor social pela vulgarização/coisificação da mulher por meio de campanhas publicitárias vexatórias e até mesmo humilhantes e também a massificação da mensagem neste sentido<sup>12</sup>. Ao expor-se a mulher reduzindo-a a elemento sensualizador pura e simplesmente, o que ocorre é um processo de vulgarização que tende sempre a evoluir para a coisificação, destituindo a pessoa de seu valor emocional e psicológico, reduzindo-a apenas a um esteriótipo.

E essa estereotipação orientada por padrões estéticos serve muito bem para inferiorizar a mulher a nível de objeto para deleite sem qualquer outra motivação de relevância social, marginalizando todas aquelas que não se enquadrem nos padrões estabelecidos sem perder de vista sua coisificação, elemento essencial em uma sociedade originalmente patriarcal com nuances de permissividade para a vulgarização e até mesmo para a violência, vez que a mulher marginalizada reduzida a mero objeto torna-se facilmente manipulável servindo ao parceiro de todas as maneiras por ele desejadas e também incapaz de ter voz ou presença na relação.

Valendo-nos do conceito proposto em nível acadêmico que prefere usar a expressão “objetificação” e que entendemos como outra forma de coisificação, compreendemos como esse processo fragiliza a mulher que sendo tratada dessa forma perde sua identidade social, deixando-se levar pelos ditames formulados pelo chamado “parceiro/provedor”, chegando ao extremo de auto-objetificar-se enxergando-se como mero objeto destinado à satisfação carnal do parceiro.

*Ora, como explicamos no início, se a objetificação consiste em desconsiderar atributos psicológicos e emocionais que nos caracterizam enquanto indivíduos, a mulher que se auto-objetifica não se compreende totalmente como um indivíduo e não se dá conta de todas as suas capacidades e possibilidades, o que influencia no seu grau de engajamento como profissional e cidadã<sup>13</sup>.*

Por todo esse cenário construído até aqui, temos convicção de que o processo de coisificação guarda o germe da violência contra a mulher que por sua vez pode desaguar no feminicídio; ainda sob esse aspecto vale ressaltar que essa violência por parte do parceiro/provedor encontra-se arraigada em seu processo de socialização, inserido em um meio patriarcal e alimentada por uma natureza cobiçosa de posse que amplia a coisificação. Deste modo temos todos os ingredientes necessários para que a partir da coisificação seja a mulher vitimada por uma circunstância que poderia ser considerada atípica, porém é muito mais usual que se imagina.

Notemos também que a coisificação é alimentada pelas diversas mídias, eletrônicas ou não, valorizada pela propaganda, estimulada por bordões repetidos continuamente que procura, incutir na mente do homem o enaltecimento à imagem física da mulher como único atributo a ser levado em conta e que também deve servir como instrumento de sedução, conquista e velada dominação.

*No Brasil, podemos notar esse machismo, principalmente, nas propagandas de bebidas, onde as mulheres geralmente são retratadas com o corpo à mostra, abusando da sensualidade. Os profissionais de marketing parecem acreditar que atrelar erotismo às propagandas trará aumento no número de vendas do respectivo produto<sup>14</sup>.*

A partir desse processo frutifica o germe da violência que se manifesta, inicialmente, sob forma verbalizada, sempre irritada ou agressiva, evolui para uma verbalização gestual e descamba para a forma física, emocional e psicológica que se torna crônica passando a fazer parte do cotidiano do casal, inclusive com a limitação de movimentos e de liberdade da mulher que passa a viver em uma invisível, mas contundente “gaiola de cristal”, sempre cercada por uma vigilância incansável, ceifada de direitos básicos e vendo suas perspectivas desaparecerem no horizonte e sua esperança definhando paulatinamente, vivendo sob um temor estabelecido a partir de uma dependência servil. Assim vale destacar que:

E o medo se manifesta de múltiplas formas: a) medo de ninguém acreditar no seu relato, principalmente se a violência não deixa marcas físicas; b) medo de sofrer retaliação por parte do agressor; c) medo de ser apontada como a responsável pela agressão sofrida; d) medo de ficar sem condições financeiras de sobrevivência ou perder a condição financeira privilegiada; e) medo do que as pessoas vão achar e dizer; f) medo de desfazer a família; g) medo de ficar sem um marido; h) medo de ser abandonada pela família e pelos amigos; i) medo de perder o emprego ou de prejudicar o agressor quando a violência ocorre no ambiente de trabalho; j) medo de relembrar o que passou ao relatar os fatos na denúncia; l) medo de “não dar em nada”... E tantos outros.

O medo, portanto, torna-se elemento essencial na coisificação, acrescentado a todo o processo pelo qual a mulher é reduzida a uma mera coisa que pode ser posta ou disposta mediante a vontade e o querer de seu parceiro/provedor. Tudo redundando em um círculo vicioso no qual agressor e vítima coexistem em uma relação que inicialmente mostrou-se dotada de afetividade com afeto e respeito e por fim descambou para a sujeição da mulher que transformada em “coisa” vê-se destituída de identidade, de liberdade e submetida a uma dominação ora sutil e quase invisível e em outra revestida de agressividade, de ofensividade e perpetuada pela sujeição ao parceiro agressor.

*Ser mulher em uma relação afetiva-sexual-conjugal está alicerçado na confiança e no investimento de afeto que constrói a parceria na relação em paralelo ao parceiro. E o fato é que a violência física e/ou psicológica, não começa do dia pra noite, não vem com o buquê de flores ou uma cantada com convite para o primeiro encontro, as vezes vem, mas nem sempre é notório, pois no impacto do desejo, a intenção da mulher é querer estar numa relação, e até mesmo idealizar o príncipe encantado, aquele mesmo padrão que encontrávamos nos desenhos animados e contos infantis. É tanto desejo de pertencer a uma relação de semelhança e congruência, que a mulher se entrega ao lado do êxtase e da atração física e emocional, porque a inteligência e a parceria também atraem tanto quanto um tipo físico, bem definido ou como a intenção do homem ao conquistar. Mas o homem, muitas vezes não toma consciência fidedigna de que é um agressor, ok. Por vezes, só acreditam ser daquele jeito, são padrões constituídos e impostos por uma sociedade masculinista que os ensinou assim. Se entende que a violência é circunstancial, é vivencial e relacional, ela acontece por múltiplos fatores, baseados em toda uma cultura e sociedade que invoca esse padrão de se posicionar sobre o sexo feminino com autoridade e poder<sup>15</sup>.*

A guisa de módica e derradeira consideração, gostaríamos de enfatizar que não reprovamos o aspecto legal quanto ao feminicídio elevado a conduta criminosa passível de punição, assim como não relegamos a segundo plano o fato da influência direta de elementos socioculturais desencadeadores de violência contra a mulher; nossa intenção é constatar que violência e feminicídio são consequências cuja causa essencial reside na coisificação da mulher, um processo social histórico embrenhado nas vísceras de uma sociedade paternalista que jamais abandonou o preconceito contra a mulher como dependente do homem e incapaz de caminhar com as próprias pernas e sem direito a fazer suas próprias escolhas.

- 1 <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/caso-eloanoticia/caso-eloanoticia.ghtml>
- 2 <https://www.recantodasletras.com.br/escrivantina/publicacoes/preview.php?id=3510524>
- 3 <https://www.camara.leg.br/noticias/643729-lei-do-feminicidio-faz-cinco-anos#:~:text=H%C3%A1%20cinco%20anos%2C%20no%20dia,condi%C3%A7%C3%A3o%20de%20mulher%20da%20v%C3%ADtima.>
- 4 <https://vejasp.abril.com.br/coluna/poder-sp/apesar-dos-tracos-narcisisticos-e-antissociais-lindemberg-alves-recebe/>
- 5 <https://www.defensoria.ce.def.br/noticia/defensoria-publica-divulga-perfil-de-mulheres-vitima-de-violencia-domestica-que-buscaram-assistencia/>
- 6 <https://www.defensoria.ce.def.br/noticia/defensoria-publica-divulga-perfil-de-mulheres-vitima-de-violencia-domestica-que-buscaram-assistencia/>
- 7 <https://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/cienciascriminais/IV/43.pdf>
- 8 [https://istoe.com.br/251590\\_DIRETOR+DE+FILME+QUE+LEILOOU+VIRGEM+TEM+VISTO+NEGADO+NO+BRASIL/](https://istoe.com.br/251590_DIRETOR+DE+FILME+QUE+LEILOOU+VIRGEM+TEM+VISTO+NEGADO+NO+BRASIL/)
- 9 <https://cms.hojeemdia.com.br/preview/www/2.602/2.621/1.271353>
- 10 <https://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/cienciascriminais/IV/43.pdf>
- 11 <https://averdade.org.br/2011/12/as-raizes-da-violencia-contr-a-mulher/>
- 12 [http://www.idec.org.br/uploads/revistas\\_materias/pdfs/2010-03-ed141-opiniao.pdf](http://www.idec.org.br/uploads/revistas_materias/pdfs/2010-03-ed141-opiniao.pdf)
- 13 <https://www.politize.com.br/o-que-e-objetificacao-da-mulher/>
- 14 <https://correiodoestado.com.br/artigos-e-opiniao/luxuria-coisificacao-da-mulher-e-a-evolucao-do-machismo/280711>
- 15 <https://crpsc.org.br/noticias/comissao-especial-da-psicologia-da-mulher>